

O PAPEL DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIACarina Turk de Almeida¹

A Educação a Distância (EAD), como processo educacional, tem uma longa história até chegar aos dias atuais. Essa modalidade de ensino ofereceu diferentes recursos e apresentou limitações que foram se transformando ao longo dos tempos. Há séculos a educação a distância era um processo de comunicação por correspondência. Atualmente, podemos utilizar desde videoconferências até simuladores e softwares com inteligência artificial.

A educação a distância deve ser compreendida como uma modalidade de educação que não exige do aluno a presença física em um determinado espaço físico.

Ainda conceituando a EAD, Moran (2002) argumenta que “Educação a distância é o processo de ensino e aprendizagem, mediado por tecnologias, no qual professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente”. Esse conceito insere a ‘mediação das tecnologias’, não sendo mais ‘ensino por correspondência’ e implica separação espaço-temporal, mas continua o autor:

Apesar de não estarem juntos, de maneira presencial, eles podem estar conectados, interligados por tecnologias, principalmente as telemáticas, como a Internet. Mas também podem ser utilizados o correio, o rádio, a televisão, o vídeo, o CD-ROM, o telefone, o fax e tecnologias semelhantes.

Temos, então, que a educação a distância compreende uma separação física e temporal entre professores e alunos, sem, no entanto, perder o vínculo. A proposta atual é uma educação em que a distância física não seja sinônimo de falta de comunicação nem de formação técnica. Esse conceito começa a ser construído a partir do desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e informação.

Na educação a distância de décadas passadas, o ensino seguia rumo ao estudo dirigido, tendo como referência o repasse de conhecimento, atitude passiva do aluno e memorização de teorias e fórmulas.

¹ turk@smed.prefpoa.com.br

A educação a distância despreza as quatro paredes, porém não abre mão da experiência cognitiva de um processo pedagógico. O momento parece ser de rompimento com uma relação passiva com a educação (CANTO, 2001, p. 18).

A educação a distância, atualmente, caracteriza-se por utilizar diversos meios tecnológicos, tanto para a comunicação entre os alunos quanto para acesso às informações e materiais didáticos disponibilizados pelo curso.

Não se faz necessária uma explicação a respeito da importância da EAD. No Brasil e em diversos outros países do mundo, essa modalidade de ensino já faz parte da legislação educacional e torna-se uma nova tendência. Já é possível encontrar material publicitário nas ruas de grandes cidades sobre cursos em EAD, mostrando que a sua aceitação pela população torna-se cada vez maior.

No entanto, apesar da crescente onda de modernidade aparente, ainda é precária, no nosso país, uma reflexão sobre os diferentes papéis que o professor deve assumir em programas de EAD. Foi superado o pensamento de que a profissão de docente vai desaparecer frente à tecnologia, mas a sociedade brasileira ainda tem dúvidas sobre como se dá efetivamente a docência em cursos a distância, que tipos de profissionais se enquadram melhor, a diferenciação entre professor e tutor, entre outros temas ainda em discussão.

Neste artigo, em um primeiro momento serão analisados os diferentes tipos de organização de cursos em EAD (aulas virtuais, semipresenciais, tele-aulas, etc.) e as necessidades dos alunos em cada um desses modelos. A seguir, pretende-se apresentar as principais características que o professor de cada um desses modelos deve apresentar para adequar-se às necessidades dos estudantes.

Parte-se do princípio de que o docente, antes de ingressar em um determinado modelo de curso a distância por convite ou por interesse próprio, acredita na modalidade de educação a distância e crê que o seu papel é extremamente importante para o crescimento intelectual dos estudantes e para o desenvolvimento e melhoria do curso. Segundo Bentes (2009, p. 167),

O professor tutor também assume características inerentes à sua função para trabalhar na EAD; deve saber lidar com os ritmos individuais de cada aluno, apropriar-se de novas TIC, dominar as técnicas e instrumentos de avaliação, ter habilidades de investigação, utilizar novos esquemas mentais para criar uma cultura indagadora e plena em procedimentos de criatividade e ter disponibilidade para intervir a qualquer momento.

Cursos em EAD

Existem diferentes modelos de propostas pedagógicas e tecnológicas de cursos e atividades em EAD, de acordo com a expectativa da equipe diretiva de cada curso e do que se pretende trabalhar com os alunos.

Há cursos que trabalham principalmente com professores conteudistas e tutores. Os primeiros são responsáveis por todo o conteúdo, textos, criação de atividades e organização do material ao qual os estudantes têm acesso. Já os tutores são os professores que terão contato direto com o aluno pelos recursos tecnológicos de que o curso dispõe: chat, e-mail, fórum, entre outros.

Existe também o modelo em que uma parte da carga horária é presencial e outra parte é virtual. Esse modelo parece agradar à maior parte dos estudantes, pois ainda mantém o contato presencial e inclui grande parte virtual, que parece ser essencial para os alunos que estão conhecendo a modalidade e familiarizando-se com as ferramentas virtuais. Deve-se ter cuidado para inserir a cultura de comunicação e resolução de problemas pela Internet, pois muitos alunos podem acabar deixando para os momentos presenciais suas dúvidas e necessidades de contato com o professor.

Um outro modelo existente é o de que as aulas virtuais estão disponíveis em formato de vídeo, em que o professor grava uma aula e a disponibiliza como conteúdo para seus alunos, podendo também ser através de videoconferência. Geralmente esse modelo também apresenta textos escritos como reforço para o conteúdo trabalhado no vídeo, disponibilizados em um ambiente virtual com acesso restrito aos alunos. As atividades e avaliações são baseadas nos conteúdos trabalhados tanto no vídeo quanto nos textos, e é geralmente o tutor quem faz a interação direta com os alunos. Nesse modelo, os alunos devem programar horários específicos para assistir às aulas, como se elas fossem presenciais. É interessante perceber, comparando-se esta modalidade com a presencial, que a discussão da aula pode ter continuidade no ambiente virtual com os mesmos alunos e professores através das ferramentas de interação e comunicação. As aulas podem ser gravadas e assistidas em diversos momentos, o que pode trazer segurança e conforto aos alunos.

Mas qual o trabalho do professor em cada um desses modelos? Será que qualquer docente consegue adequar o seu trabalho para as diferentes modalidades de cursos a distância?

Colaboratividade virtual: conceitos e definições em ambientes virtuais

Primeiramente devemos conceituar colaboratividade. Alguns autores entendem colaboração e cooperação de maneiras diferentes. Neste capítulo, entretanto, trabalharemos com esses dois termos como sinônimos.

Colaboração, segundo Tijiboy (1999, p. 22), é a “interação de um indivíduo com o outro, existindo ajuda mútua e unilateral”.

A colaboratividade em ambientes virtuais torna-se uma experiência muito rica na medida em que a aprendizagem se dá, primeiramente, de forma intersíquica, ou seja, nas relações entre as pessoas, e num segundo momento de forma intrapsíquica, isto é, da pessoa com ela mesma (VYGOTSKY apud NITZKE, 1999). Isso significa que as trocas feitas entre o aluno e seus colegas, ou demais participantes do curso, mesmo virtualmente, são processos que desencadeiam a aprendizagem, pois essa mediação (interpessoal) pode gerar uma reelaboração de conceitos e ideias, feita pelo próprio sujeito (intrapessoal).

Daí nasce a aprendizagem colaborativa, que pode acontecer em forma de troca de mensagens escritas (através do e-mail, do chat e do fórum de discussões) e nas tele/videoconferências. Essa aprendizagem é complexa porque exige do aluno a autogestão da sua aprendizagem, que, conforme Marchand (2002), tem as seguintes características: a de exigir que o aluno selecione as informações disponibilizadas e descarte as que são confusas e/ou não pertinentes; a de fazer com que o aluno saiba administrar também as informações recebidas nas tele/videoconferências, pois o uso de diversas mídias torna essa informação mais complexa, e exige da pessoa trabalhar com informações usando diferentes meios (sonoros, visuais, etc.), o que dificulta o tratamento da informação; a de que o aluno consiga ajustar o ritmo das discussões que acontecem com o seu ritmo pessoal, ou seja, o aluno deve decidir quando vai participar e se e como responderá uma determinada mensagem; a de que o aluno tenha consciência que a aprendizagem colaborativa dá-se em grupo, em que se faz necessária uma gestão muito boa do trabalho em equipe; a de fazer com que o aluno leia diversas mensagens e selecione as pertinentes e as expressas claramente, pois isso exige muito controle da compreensão, já que essa seleção é importante para que o aluno consiga estabelecer um diálogo coerente e pertinente com os colegas e integrantes da equipe do curso.

Para que o aluno consiga organizar-se frente a estas características da autogestão da aprendizagem, devem ser disponibilizadas ferramentas de apoio no ambiente virtual, que ajudem os estudantes a gerenciar as mensagens recebidas de colegas e professores e a organizar o trabalho de equipe. Como cita Alava (2002, p. 154),

[...] a aposta essencial ligada ao uso de novas tecnologias reside na capacidade dessas tecnologias de oferecer ao aprendiz a oportunidade de agir sobre seus próprios conhecimentos, de interagir com o meio e de dialogar com os outros

A colaboratividade estimulada nos cursos a distância pelas ferramentas tecnológicas também propicia o desenvolvimento da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que, seguindo a teoria de Vygotsky, pode ser entendida como a extensão, em um dado momento, do potencial cognitivo de uma pessoa. Pode-se exemplificar a ZDP como uma situação em que uma pessoa tem à sua frente um problema que não consegue resolver sozinha, mas se ela tiver a tutoria de alguém mais experiente ou colaborar com outras pessoas, pode conseguir solucionar esse problema, e, numa próxima vez que se deparar com uma situação parecida, será capaz de resolvê-la sozinha. Isso significa que a pessoa tinha potencial suficiente para resolver a questão, e apenas precisava colaborar com outra ou outras pessoas para chegar ao resultado desejado.

Essa colaboratividade em ambientes virtuais para o desenvolvimento da ZDP dos alunos pode significar uma experiência relevante para a aprendizagem de cada indivíduo. Tais ambientes fornecem estímulos à colaboração entre pessoas com diferentes Zonas de Desenvolvimento Potencial, o que pode ser traduzido como uma rica experiência coletiva, na qual todos se apoiam e trocam experiências.

Outro fator que se desenvolve na colaboratividade entre os alunos é a afetividade. Durante muito tempo, pensou-se que a afetividade não teria espaço em relações virtuais, já que a máquina tornaria as comunicações “frias”. Mas pôde ser observado que surgiram, nas comunicações virtuais, laços de afinidade e afetividade tão ou mais fortes quanto no ensino presencial.

Para que a aprendizagem colaborativa seja significativa, ou seja, que tenha real significado na vida do sujeito, ela deve acontecer considerando-se a carga cognitiva que o sujeito já tem, de acordo com a teoria de Ausubel (1980). Novas informações vão

sendo agregadas a essas informações já arraigadas, possibilitando que o sujeito “conecte” a nova informação às outras já concebidas, e a partir dessa “ligação” surgem novos conhecimentos.

Conforme Moreira (1997), a aprendizagem pode, entretanto, ser automática (ou mecânica), não interagindo com as informações, ideias e conceitos já existentes na estrutura cognitiva, ou seja, sem ligar-se a conceitos subsunçores. A aprendizagem automática é o oposto da aprendizagem significativa.

Seguindo a teoria de Ausubel (1980), a aprendizagem pode acontecer através da recepção (na qual o conhecimento é apresentado em sua forma final para o aprendiz) ou através da descoberta (o conhecimento deve ser descoberto pelo aprendiz, e, depois de descoberto, a aprendizagem é significativa se o conteúdo ligar-se a conceitos subsunçores relevantes existentes na estrutura cognitiva). É importante salientar que “[...] tanto a aprendizagem receptiva como a por descoberta podem ser automáticas ou significativas, dependendo das condições sob as quais a aprendizagem ocorre” (AUSUBEL, 1980, p. 23).

Papel do professor

Sabe-se que o processamento da informação acontece de diversas formas. Segundo Moran (2001, p. 18), uma delas é o processamento lógico-sequencial, “[...] que se expressa na linguagem falada e escrita, em que vamos construindo o sentido aos poucos, em sequência espacial ou temporal, [...] com maior liberdade na fala e na escrita pessoal ou coloquial [...]”.

Outra forma, continua o autor, é a hipertextual,

[...] contando histórias, relatando situações que se interconectam, ampliando-se, que nos levam a novos significados importantes, inesperados ou que terminam diluindo-se nas ramificações de significados secundários. É a comunicação “linkada”, através de nós intertextuais. A leitura hipertextual é feita como em “ondas”, em que uma leva à outra, acrescentando novas significações. A construção é lógica, coerente, sem seguir uma trilha previsível, seqüencial, mas que vai se ramificando em diversas trilhas possíveis (2001, p. 19).

Frente a essas possibilidades, o professor deve saber quais recursos utilizar e a metodologia empregada no uso deles para conseguir alcançar os objetivos aos quais se propõe. O docente deve considerar essas maneiras de processar a informação antes de

planejar suas aulas e suas atividades e, da mesma forma, considerar os exercícios e leituras que espera que o aluno faça.

Nos cursos virtuais, o papel do professor é muito importante, pois é através dele que os alunos conseguem ter uma resposta aos seus questionamentos, às avaliações entregues e às suas dúvidas sobre os conteúdos trabalhados em aula.

É imprescindível que o professor tenha conhecimento das potencialidades de cada ferramenta de comunicação, para poder usá-las de modo a incentivar a participação dos alunos no uso de cada uma.

[...] a existência de “receitas pedagógicas” é trocada por atitudes investigativas do professor, que permanece sendo o orientador do estudo, num estímulo constante à pesquisa e ao saber (CANTO, 2001, p. 18).

O professor deve considerar que os alunos de cursos a distância devem ser incentivados cada vez mais a participar ativamente das discussões, das atividades e expressar sua opinião. Caso contrário, corre-se o risco de que o aluno seja “passivo”, apenas lendo os materiais do curso, sem possibilidade de expressar suas dúvidas e de trocar experiências com os colegas. Essa capacidade de interação é importante no sentido de ser a base para a criação de atitudes autônomas, que tornam o aluno livre para tentativas e erros num espaço de interação social.

Caberá ao docente monitorar a participação dos alunos, além de mobilizar o grupo, levando em conta objetivos e interesses, o que implicará criar situações significativas de aprendizagem, efetivar intervenções e rever ações e habilidades.

Como o aluno tem na Internet uma fonte inesgotável de informações, é função do professor preocupar-se em canalizar essas informações em benefício do aluno, fazendo com que ele consiga, a partir dessas informações e de trocas com os colegas, construir seu conhecimento de forma autônoma.

O professor deve utilizar-se das ferramentas de comunicação disponíveis aos alunos para instigá-los a pesquisar e trazer os resultados dessas pesquisas para os colegas, e a partir daí suscitar a colaboratividade entre todos, participando ativamente das discussões.

Outro ponto importante é a participação do próprio professor na utilização dos meios na prática: quando os alunos comunicam-se com os professores utilizando as ferramentas, eles esperam um retorno dessa comunicação, assim como na educação presencial. Parte-se da ideia, então, de que todo professor que participa de um curso a

distância tem disponibilidade de responder aos alunos e participar de discussões que ele mesmo provoca. Isso pode parecer claro, mas esses fatores causam uma frustração muito grande por parte dos alunos que não recebem respostas, inclusive levando alguns estudantes a desistir de cursos na modalidade a distância (ALAVA, 2002).

A EAD por si só já propõe mudanças fundamentais no papel do professor. De detentor do conhecimento, ele passa a ser um agente, um mediador no ambiente virtual, o que faz com que se depare com situações diferentes e esteja preparado para tratar com alunos, seja incentivador, consiga resolver conflitos entre colegas e atualize-se na sua e em outras áreas.

No primeiro modelo descrito no item anterior, o desafio do trabalho do professor é conseguir elaborar materiais didáticos específicos. Os alunos devem conseguir entender o conteúdo das aulas virtuais a partir do material produzido, e depende do professor a qualidade desse conteúdo. Nesse modelo, a função da equipe técnica (como *webdesigners*) é essencial, pois é ela que transformará o conteúdo feito pelo professor em material didático (formatação, inclusão de imagens, sons, efeitos, programações, etc.). É importante que docente e a equipe técnica do curso trabalhem em conjunto para haver uma perfeita harmonia entre conteúdo e forma, já que os estudantes não terão aulas presenciais.

Para que a falta de presencialidade não seja empecilho para a aprendizagem dos alunos, o tutor deverá ter papel fundamental na articulação entre professor e estudante. É ele quem terá que solicitar ao professor adequações no material didático, por exemplo, a partir de sugestões dos alunos.

É interessante também acompanhar as discussões dos alunos (mesmo discussões em grupos pequenos), pois assim podem ser levantadas questões essenciais para o bom funcionamento do curso a partir de dúvidas dos alunos ou comentários informais entre eles. Muitos estudantes não gostam de expor-se em fóruns nos quais toda a turma e os docentes participam, mas conseguem discutir e tirar suas dúvidas em fóruns com pequenos grupos, ou mesmo *chats* com colegas, com o tutor e/ou com o docente. Da mesma forma é de fundamental importância o retorno das mensagens particulares enviadas pelos estudantes sobre o conteúdo ou dúvidas gerais, pois é a partir do retorno que o estudante sente-se parte integrante do grupo.

No segundo modelo, que divide a carga horária entre presencial e virtual, o professor deve ter mais jogo de cintura para saber transitar entre o virtual e o presencial e levar as discussões do virtual para o real, e vice-versa. Deve haver uma continuidade

também dos conteúdos trabalhados, mesmo que a didática para cada situação seja diferente.

Muitos docentes sentem-se seguros no ambiente virtual, mas quando têm que ministrar aulas presenciais não conseguem manter o mesmo ritmo do virtual. Para trabalhar nesse modelo, o professor deve ter ciência de suas potencialidades e vulnerabilidades em sala de aula. É interessante que converse com outros docentes da mesma instituição para informar-se dos hábitos e preferências tanto da instituição de trabalho quanto dos alunos em aula. Nesse modelo de curso semipresencial, conhecer o público-alvo do seu trabalho é fundamental para o sucesso do curso e para que os alunos se sintam acolhidos e envolvidos no processo. Pode-se usar ferramentas semelhantes às utilizadas nos cursos presenciais para levantamento do perfil dos alunos, como questionários e ficha cadastral de cada um com dados pessoais e profissionais.

No terceiro modelo de curso virtual, no qual se utiliza videoconferência, o professor deve sentir-se à vontade diante das câmeras para que a filmagem seja bem sucedida. Além disso, é muito importante que seja realizado um roteiro para cada aula a ser gravada, contendo posicionamento das câmeras de filmagem, enquadramento da imagem do professor e, claro, o ordenamento do conteúdo a ser trabalhado na aula. A confecção do roteiro auxilia na continuidade e coerência dos conteúdos trabalhados pelo docente, assim como organiza a equipe técnica que faz a filmagem da aula.

O papel do professor na colaboratividade entre os alunos

O professor deve ter consciência de que seus alunos têm um perfil um pouco diferente dos presenciais, mas ainda assim apresentam diferenças nas suas estruturas cognitivas e nas suas formas de aprender. Assim como em uma classe presencial, uma turma de alunos virtuais se constitui de diferentes sujeitos com diferentes características psicológicas, emocionais e psicológicas, e cabe ao professor saber trabalhar com essas diferenças para que todos acompanhem o ritmo e consigam aprender de forma significativa.

Com a inserção de recursos tecnológicos na educação e o desenvolvimento da educação a distância, os professores devem ter consciência de que seu papel é tão importante quanto o desempenhado no ensino presencial.

O meio virtual pode possibilitar uma aprendizagem autônoma, colaborativa, enfim, um ensino de caráter construtivista, mas dependendo do ambiente e da maneira

como o curso é organizado, pode-se também ter no virtual um recurso para reproduzir uma educação tradicional, caracterizada na transmissão do conhecimento e centrada no professor (TAVARES, 2000). Daí entende-se que o papel do professor, tanto na mediação com os alunos quanto na organização de materiais didáticos, será fundamental para proporcionar ao aluno a oportunidade de utilizar os meios tecnológicos para construir seu conhecimento.

O papel desempenhado em cursos *online* dependerá muito da prática desse professor em sala de aula presencial. Segundo Tavares (2000), percebe-se que o professor que em sala de aula presencial abre espaços para discussão, diálogos com os alunos e interação entre todos, tem mais chances de proporcionar ao aluno um ambiente virtual que estimule a sua participação e troca de ideia com os colegas e com os professores, ao contrário de docentes que têm sua prática pedagógica centrada na sua figura.

Acreditando que o sujeito deve descobrir o conhecimento novo, fazer as relações e a partir daí desenvolver uma nova aprendizagem significativa, o professor deve incentivar ao máximo esta descoberta. Cabe a ele a tarefa de estimular em seus alunos a pesquisa, levantamento de dados, entrevistas, troca de experiências, estudo de casos e demais atividades que façam com que os educandos partam em busca de novas informações. À medida que buscam essas novas informações, os estudantes devem ser motivados a compartilhar com os colegas e professores os resultados de suas pesquisas, e a partir daí o professor deve assumir papel de mediador nas trocas e discussões a respeito desses novos conteúdos.

REFERÊNCIAS

- ALAVA, S. **Ciberespaço e Formações Abertas: rumo a Novas Práticas Educacionais?** Porto Alegre: ARTMED, 2002.
- AUSUBEL, D.P.; NOVAK, J.D.; HANESIAN, H. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- BENTES, R.F. **A Avaliação do Tutor**. In: LITTO, F.; FORMIGA, M. (org.). *Educação a Distância: O Estado da Arte*. São Paulo: Pearson, 2009.
- CANTO, S. **O Navegador e a Aprendizagem**. *Educação em Revista*. Porto Alegre, ano V, n. 29, p. 18-22, nov./dez., 2001.

MARCHAND, L. **Características e problemáticas específicas: a formação universitária pela videoconferência.** In: ALAVA, S. et al. *Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais.* Porto Alegre: Artmed, 2002.

MORAN, J.M. *Novas tecnologias e mediação pedagógica.* Campinas, SP: Papirus, 2000.

MORAN, J.M. *O que é Educação a Distância.* Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>> Acesso em: 01 jun. 2011.

MOREIRA, M.A. **Mapas conceituais e aprendizagem significativa.** Disponível em: <<http://www.ic.uff.br/~rosangela/SiteEninedAtual/artigo.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2011.

NITZKE, J.A. et al. *Criação de ambientes de aprendizagem colaborativa.* In: Curitiba: SBIE, 1999. Disponível em: <<http://penta.ufrgs.br/pgie/sbie99/acac.html>> Acesso em: jun. 2011.

TAVARES, K. *O Papel do Professor: do Contexto Presencial para o Ambiente Online e Vice-versa.* Disponível em: <http://revistaconecta.com/conectados/katia_papel.htm> Acesso em: 31 mai. 2011.

TIJBOY, A. et al. **Aprendizagem cooperativa em ambientes telemáticos.** *Informática na educação: teoria e prática*, v.2, n. 1, p.19-28, Porto Alegre, (PGIE-UFRGS), maio, 1999.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.